

## RESUMO

Na década de 1970, a luta das mulheres das camadas médias e urbanas da Europa e dos Estados Unidos estremeceram o *status quo* da sociedade Ocidental. Aliadas ao contexto de mudanças sociais da época, as reivindicações por autonomia e liberdade sexual foram fundamentais para construção de uma sociedade mais justa e igualitária do ponto de vista das relações de gênero. No Brasil, a luta dos movimentos de mulheres identificados com o feminismo antecipou o debate que, na década de 1990, consolidou os conceitos sobre os *direitos e a saúde sexual e reprodutiva*. Utilizando os pressupostos desenvolvidos por Michel Foucault, Judith Butler e John Scott a respeito da sexualidade, gênero e relações de poder, esta dissertação pretende analisar, sob uma perspectiva histórica e das relações de gênero, os discursos referentes à reprodução e sexualidade publicados nas revistas *Claudia* (1961) e *Nova* (1973) na década de 1970. Partindo do pressuposto de que as revistas femininas de grande circulação funcionaram como dispositivos de gerenciamento do corpo e da sexualidade das mulheres no Brasil, o objetivo é investigar como *Claudia* e *Nova* forjaram as relações de poder existentes nos discursos sobre anticoncepção, aborto, menstruação, orientação sexual, orgasmo, identidade de gênero e prevenção às *doenças venéreas*. Foram investigados artigos e reportagens que abordaram especificamente os dois assuntos, bem como algumas peças publicitárias que trataram o tema de forma mais ou menos explícita. Tentando acompanhar a revolução dos costumes ocorrida na década de 1970, ambas as revistas utilizaram os discursos de autoridade da medicina e da sexologia moderna para corroborar consensos que reforçavam a ordem construída em torno do controle do sexo e do corpo feminino.

**Palavras- chave:** Revistas Femininas; Reprodução; Sexualidade; História; Brasil.